

DA ESCOLA REGULAR À ESCOLA INTEGRAL: A CULTURA E A INDISCIPLINA NA ESCOLA

Robson Gomes da CRUZ¹
Licenciando em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

Os problemas com indisciplina na escola pública são recorrentes e tiram o sono de muitos pais e professores, mas será que existem formas capazes de conter essa indisciplina? Este artigo visa correlacionar a indisciplina na escola regular (meio período) e na escola integral — observadas durante o período de estágio — ao desenvolvimento de atividades culturais nestes ambientes. Para estabelecer esta relação e legitimá-la foram utilizados para análise das observações efetuadas a teoria sobre os motivos da indisciplina presentes no texto “A indisciplina e a escola atual”, de Julio Groppa Aquino (1998), e alguns artigos e textos que defendem que as atividades artísticas e culturais, dentro do ambiente escolar, contribuem com a diminuição da indisciplina. E, baseando-nos nessa análise, concluímos que as intervenções artísticas e culturais, indubitavelmente, possuem eficácia para o contingenciamento da indisciplina na escola, pois, das duas escolas estaduais observadas durante o Programa de Residência Pedagógica ligado ao IFSP/SPO — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo/Câmpus São Paulo — e mantido pela CAPES, no período entre junho de 2018 e dezembro de 2019, a escola de tempo integral, por dispor de mais tempo para estes tipos de atividade, apresenta um nível de indisciplina mais baixo.

Palavras-chave: Escola; Cultura; Indisciplina; Escola Integral; Escola Regular.

Introdução

Este artigo é resultado das observações efetuadas em duas escolas da rede pública de ensino do estado de São Paulo através do Programa de Residência Pedagógica e as relaciona a um problema que, nos últimos anos, tem sido muito discutido por educadores, pais e responsáveis: a indisciplina. A primeira, “Escola A”, é focada no ensino médio e funciona em esquema de período integral; já a segunda, “Escola B”, é uma escola de ensino regular (5h20min por turno) e trabalha com todos os níveis de ensino (Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio).

¹ Endereço eletrônico: davilla.consultor@gmail.com

A indisciplina é um problema recorrente nas escolas públicas, principalmente, no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. Por esse motivo, muitos estudiosos têm dedicado tempo e dinheiro para pesquisar maneiras de contê-la ou minimizá-la, mas, devido à indisciplina ser equivocadamente ligada à falta de consciência dos alunos sobre limites e regras ou à permissividade excessiva de seus pais ou responsáveis, esses estudos se tornam ineficazes para combater o problema, como discorre Julio Groppa Aquino (1998), no seu artigo “**A indisciplina e a escola atual**”.

No referido artigo, o autor propõe, como ingredientes principais para a indisciplina, a inquietação e a imaginação, mas também afirma que esses ingredientes, se bem explorados pelo educador, podem ser a solução para essa indisciplina. Considerando isso, outros autores apontam as atividades culturais e artísticas como eficazes para diminuir ou até conter a indisciplina, corroborando com as observações efetuadas para esta pesquisa que serão utilizadas a fim de demonstrar que este tipo de atividade nas escolas pode ser uma aliada para uma maior harmonia entre alunos e educadores.

A indisciplina: hipóteses explicativas

Como já dito anteriormente, muitos estudiosos e educadores apontam diversos motivos para a indisciplina. Nesta seção, esses serão revisados a partir da concepção de Aquino (1998) para que se possa embasar as observações efetuadas durante o período do Programa de Residência Pedagógica.

A primeira hipótese explicativa faz jus ao aluno “desrespeitador” e diz que “[...] ‘o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade, a escola atual teria se tornado muito permissiva, em comparação ao rigor e à qualidade daquela educação de antigamente’.” (AQUINO, 1998), mas o autor desqualifica esta hipótese com o argumento de que, na verdade, esse período é marcado pela militarização das escolas e de que o suposto respeito dos alunos com os educadores era baseado na ameaça e no castigo.

[...] essas escolas do passado é o fato de que elas eram fundamentalmente militarizadas no seu funcionamento cotidiano. E o que isso significa? Se buscarmos exemplos em nossa memória,

veremos isso com clareza: as filas, o pátio, o uniforme, os cânticos, e particularmente a relação de medo e coação que tínhamos com as figuras escolares (que descuidadamente nomeamos hoje como "de respeito"), revelavam um espírito fortemente hierarquizado/hierarquizante da época, desenhando os contornos das relações institucionais. É possível afirmar, então, que essa suposta escola de excelência de antigamente funcionava, na maioria das vezes, na base da ameaça e do castigo — traços nítidos de uma cultura militarizada impregnada no cotidiano escolar daquela época sombria da história brasileira. Estamos nos referindo, é claro, à ditadura militar (AQUINO, 1998).

Aquino ainda discorre que “[...] nosso aluno de hoje não viveu esses tempos históricos obscuros, que ele é fruto de outras coordenadas históricas — e agora estamos nos referindo à abertura democrática —, fica claro que precisamos estabelecer outro tipo de relação civil em sala de aula.” (AQUINO, 1998) para nos lembrar da importância da renovação no método para que os docentes possam obter o respeito deles.

Na segunda hipótese, Aquino questiona a teoria do aluno “sem limites”, que tem como pressuposto o fato de que “ ‘as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, e a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivos’ ” (AQUINO, 1998, p. 9), e que o autor facilmente derruba afirmando:

[...] se prestarmos um pouco de atenção nos alunos mais indisciplinados fora da sala de aula, num jogo coletivo, por exemplo, veremos o quanto as regras são muito bem conhecidas pelas crianças e adolescentes. Não é nada estranho a um jovem de hoje em dia a vivência de uma situação qualquer de acordo com regras muito bem estabelecidas, rígidas na maioria das vezes (AQUINO, 1998).

Além disso, com base no comportamento geral destes alunos, o autor ainda dá uma evidência irrefutável para encerrar com essa questão do aluno “sem limites”:

É muito comum imaginarmos que "criança mal-educada em casa" converte-se automaticamente em "aluno indisciplinado na escola". Pois alertemos que isso nem sempre é necessariamente verdadeiro. Não é possível generalizar esse diagnóstico para justificar os diferentes casos de indisciplina com os quais deparamos. Além disso, há uma evidência irrefutável de que os mesmos alunos indisciplinados com alguns professores podem ser bastante colaboradores com outros (AQUINO, 1998).

No trecho acima, Aquino deixa claro que não se deve generalizar os casos de indisciplina e que é preciso ficar atento às práticas docentes, pois os motivos que levam à indisciplina podem estar ligados a elas.

A falha na prática docente pode acarretar o pensamento que leva à terceira e última hipótese refutada por Aquino como motivadora da indisciplina, a do aluno “desinteressado”, na qual docentes culpabilizam a atratividade de outros meios de comunicação: “para os alunos, a sala de aula não é tão atrativa quanto os outros meios de comunicação, e particularmente o apelo da televisão. Por isso, a falta de interesse e a apatia em relação à escola’.” (AQUINO, 1998, p. 14).

Para refutar esta hipótese, Aquino discorre sobre a necessidade de distinção entre a escola, criada para transmitir um conhecimento sistematizado, e a mídia, difusora de notícias ou informações:

[...] aqui faz-se importante a distinção escola e mídia. Enquanto a mídia (os diversos meios de comunicação como a televisão, o rádio, o jornal, o próprio computador atualmente etc.) têm como função primordial a difusão da informação, a escola deve ter como objetivo principal a reapropriação do conhecimento acumulado em certos campos do saber — aquilo que constitui as diversas disciplinas de um currículo (AQUINO, 1998).

Após estas considerações, o autor enfatiza a necessidade do conhecimento sistematizado, baseado no passado, para se decodificarem as informações difusas que os meios de comunicação veiculam cotidianamente a granel. Além disso, explica a importância do papel do docente para captar o interesse dos alunos através da curiosidade e imaginação deles com estratégias simples em sala de aula, como: contar histórias, exercícios lógicos, análises literárias, etc.

No nosso entendimento, talvez algo muito simples e, ao mesmo tempo, absolutamente sofisticado: contar histórias... Em sala de aula, re-contamos histórias — as histórias das conquistas do pensamento humano (nas ciências, nas humanidades, nas artes, nos esportes). E isso não é nada desinteressante, quanto mais para uma criança ou um jovem! Na abstração implicada nesses domínios do pensamento pode-se atestar o cerne mesmo da perplexidade humana perante a existência. E nisso reside grande parte do fascínio do viver!

De mais a mais, **não existe nada tão instigante como desvendar a "lógica" de algo que desconhecíamos total ou parcialmente, o que pode se apresentar sob a forma de um problema matemático, da análise de um texto literário, do movimento de astros longínquos, ou da geografia de terras alheias. Para tanto, exigem-se do aluno apenas imaginação e inquietude — curiosamente, os mesmos ingredientes básicos da indisciplina, verificados na engenharia de uma "cola", numa brincadeira maliciosa com o colega, ou ainda numa piada sobre uma mania ou trejeito qualquer do professor** (AQUINO, 1998, grifos nossos).

Essas considerações levam ao autor abordar, como últimos pontos, em seu artigo: a indisciplina na escola atual e as cinco regras éticas do trabalho docente que são capazes de erradicar o “fracasso escolar” e os “distúrbios de aprendizagem”, são elas: (i) compreender o aluno-problema como porta-voz da relação estabelecida em sala de aula; (ii) a des-idealização do perfil do aluno; (iii) a fidelidade ao contrato pedagógico; (iv) a experimentação de novas estratégias de trabalho, pois a “sala de aula é laboratório pedagógico, sempre!” (GROPPA, 1998); e, finalmente, (v) os dois valores básicos que precedem a ação na sala de aula: a competência e o prazer para ressaltar a importância de uma leitura pedagógica da indisciplina escolar para diminuí-la ou até mesmo extinguí-la.

As atividades culturais e artísticas em função da educação

As atividades culturais e artísticas eram, para Platão, a base de toda educação natural, como podemos notar no trecho a seguir, retirado do artigo intitulado **Língua portuguesa, leitura e teatro na escola**, veiculado pelo Governo do Estado de Mato Grosso: “De acordo com os PCNs (2001, p.83) de artes, a arte tem sido proposta como instrumentos fundamental [sic] de educação, ocupando historicamente papéis diversos, desde Platão, que a considerava como base de toda a educação natural” (PAULA *et al.*, 2019).

Com base nesta evidência, o artigo, através de uma citação do artigo "A importância do teatro na formação da criança" (MORAES, 2008), reafirma o fato de o teatro ser parte de nossa cultura e que sua função educadora vem sendo utilizada desde Platão:

O homem sempre teve a necessidade de representar. Representar suas tristezas, angústias, alegrias, etc. Seja inicialmente para cultuar deuses e posteriormente uma atividade dramática cultural encenada por muitos povos, o fato é que a partir de então **o teatro faz parte da nossa cultura. Desde os tempos de Platão o teatro vem sendo abordado com a intenção de educar.** (ARCOVERDE, 2008, p. 600, grifo nosso).

Sequentemente, o artigo de Paula *et al.* (2019) elenca os benefícios da utilização do teatro na sala de aula, tanto para o aluno quanto para o educador, apoiando-se em outros fragmentos retirados da obra de Arcoverde (2008), que indicamos a seguir:

Trabalhar com o teatro na sala de aula, não apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas representá-las, inclui uma série de vantagens obtidas: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens; ajuda os alunos a se desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, são incontáveis as vantagens em se trabalhar o teatro em sala de aula. (ARCOVERDE, 2008, p. 601).

O teatro estimula o indivíduo no seu desenvolvimento mental e psicológico. Mas apesar disso, o teatro é arte, arte que precisa ser estudada não apenas em níveis pedagógicos, mas também como uma atividade artística que tem as suas características como tal. (ARCOVERDE, 2008, p. 602).

Pode-se notar que, dentre os benefícios decorrentes da utilização do teatro na escola citados por Arcoverde, estão presentes a imaginação e a estimulação do desenvolvimento mental e psicológico, que são correspondentes ao citado por Aquino (imaginação e inquietude) como ingredientes para a erradicação da indisciplina.

Essa correlação entre o nível de disciplina e as atividades culturais e artísticas nas escolas será nítida após os relatos que serão efetuados a partir da próxima seção deste artigo.

As escolas: As relações entre indisciplina e as atividades propostas

Inicialmente, é necessário estabelecer que esta seção do artigo não faz uma comparação entre as escolas “A” e “B” diretamente, mas analisa a indisciplina em cada escola individualmente, pois deve-se levar em consideração o tempo destinado às atividades culturais em cada uma delas, posto que a “Escola A”, de tempo integral, possui um turno de nove horas, enquanto que a “Escola B”, de tempo regular, possui turnos de cinco horas e vinte minutos diariamente. Isso diferencia, assim, o tempo que pode ser destinado ao desenvolvimento das atividades culturais por parte dos alunos.

Outro aspecto importante é que as observações foram efetuadas em turmas com idades diferentes nas duas escolas. Na “Escola A”, observou-se alunos do Ensino Médio (primeiros e segundos anos), e, na “Escola B”, alunos do Ensino Fundamental II (sextos, sétimos, oitavos e nonos anos). Por isso, não é possível comparar a realização das mesmas tarefas em sala de aula, mas somente o nível de colaboração e indisciplina dentro da sala de aula por parte dos alunos em cada escola, relevando alguns comportamentos que podem ser enquadrados como típicos de cada faixa etária.

Os alunos da “Escola A”, por possuírem um turno maior (nove horas), são contemplados com períodos que propiciam um maior contato com atividades culturais, pois têm, em seus horários semanais, um tempo disponibilizado para Clubes Juvenis (dança, teatro, biblioteca, música, poesia, etc.) que são voltados para o desenvolvimento cultural e artísticos deles.

Nesses clubes, os alunos podem desenvolver atividades que contribuirão com a construção de seres mais sociais e capazes de resolver conflitos de maneira mais pacífica e eficiente. Além disso, os alunos têm a responsabilidade de gerir esses clubes assessorados pelos docentes, que apenas monitoram as atividades desenvolvidas no decorrer do ano e orientam sobre as datas dos eventos e das feiras que ocorrerão na escola. Com base nesses eventos, os alunos norteiam suas criações coletivas para apresentá-las aos outros clubes, professores, funcionários e estagiários presentes na escola.

Esses tipos de atividades, que demandam uma maior reflexão sobre os temas, a realização de negociações para determinar o que será feito e como será feito, contribuem para o que se observou em sala de aula: uma maior participação dos alunos

na leitura dos textos e na realização e correção das atividades. Concomitantemente a isso, foi possível perceber um maior respeito ao docente, que sempre foi atendido imediatamente quando fez um pedido ao aluno ou precisou chamar a atenção dele.

Na “Escola A”, pôde-se acompanhar o evento do Dia da Consciência Negra, que contou com: a apresentação de poesia performática, teatro, dança e música; desfile de moda, com figurinos que representavam as roupas de cada época, focando nos povos constituídos por indivíduos negros; pesquisa e confecção de comidas típicas africanas. Além disso, os alunos ainda organizaram uma roda de conversa com profissionais de várias áreas para discutir a posição da mulher e da mulher negra no mercado de trabalho. Durante este evento, foi possível constatar a empolgação e envolvimento dos alunos e o aumento da interação entre os docentes e os alunos. Esta interação, durante todo período de observação das aulas nesta escola, refletia-se no comportamento observado dentro da sala de aula.

Na “Escola B”, a indisciplina transpareceu mais. Durante o período de observação na sala de aula, grande parte dos alunos ouvia música, conversavam ou até mesmo circulavam livremente pela sala sem dar ouvidos às reclamações do professor. É claro, porém, que não se pode generalizar, considerando que, em todas as aulas acompanhadas, foi possível notar o envolvimento de 30% (trinta por cento) a 50% (cinquenta por cento) dos alunos presentes em sala de aula, mas notou-se que este número aumentou, por exemplo, durante o período de jogos interclasses ou da preparação da festa junina, talvez pelo fato dos alunos estabelecerem um contato diferenciado com os docentes na preparação desses eventos.

Ainda na “Escola B”, pôde-se notar que, durante algumas atividades desenvolvidas dentro da sala de aula, como por exemplo, confecção de histórias em quadrinhos, no 6º (sexto) ano, e na criação de uma notícia ou reportagem com base em heróis ou fotos divertidas, no 7º (sétimo) ano, a sala participou ativamente das atividades, diferentemente do que fora visto antes, durante as aulas tidas como normais, mas que é possível classificar como aulas com aspectos de uma educação tradicional e bancária, onde o docente passa a matéria no quadro negro, pede para o aluno copiar e, em seguida, vista a atividade no caderno.

Conclusão

Fundamentando-se pelo visto até aqui, pode-se concluir que as observações efetuadas nas escolas “A” e “B” corroboram com a teoria de Aquino (1998) sobre a indisciplina e a escola atual, e com os dados do estudo efetuado por Arcoverde (2008) sobre a eficácia do teatro na escola, além de remeter a outros estudos que atribuem à responsabilidade dada aos alunos, ao respeito de seus interesses por parte do docente, à revisão da prática docente com base nos indícios explícitos na sala de aula, etc. as ferramentas para eliminar a indisciplina e discordam das teorias que culpabilizam somente os alunos e os seus pais ou responsáveis sobre os motivos geradores deste problema. As observações também propuseram reflexão sobre o quão importante e necessária é a reflexão da “teoria x *práxis*” docente para que seja possível erradicar a indisciplina e diminuir, inclusive, a evasão escolar. Agradece-se, assim, a possibilidade da vivência propiciada pelo Programa de Residência Pedagógica que tornou possível a constatação *in loco* do que foi visto em teoria.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual.** *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 24, n. 2, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011&lng=en&nrm=iso.&tlng=pt. Acesso em: 2 dez. 2019.

ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes. **A importância do teatro na formação da criança.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO — EDUCERE, 8., 2008, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: PUCPR, 2008. p. 600-609. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/629_639.pdf. Acesso em: 2 dez. 2019.

PAULA, Adriana Silva de *et al.* **Língua portuguesa, leitura e teatro na escola.** Mato Grosso: Secretaria de Estado de Educação, [ca. 2015]. Disponível em: <http://www2.seduc.mt.gov.br/-/lingua-portuguesa-leitura-e-teatro-na-esco-1>. Acesso em: 2 dez. 2019

FROM REGULAR SCHOOL TO FULL-TIME SCHOOL: CULTURE AND INDISCIPLINE IN SCHOOL

ABSTRACT

Problems with indiscipline in public schools are recurrent and take away the sleep of many

parents and teachers, but are there ways that can contain this indiscipline? This article aims to correlate indiscipline in the regular school (part-time) and in the full-time school - observed during the internship period - with the development of current cultural activities in these environments. To establish this relationship and legitimize it, were used to analyze the observations made the theory about the reasons for indiscipline present in the text: "A indisciplina e a escola atual", by Julio A. Groppa, and some articles and texts that argue that artistic activities and cultural, within the school environment, contribute to the reduction of indiscipline. And based on this analysis, we conclude that artistic and cultural interventions, undoubtedly, have efficacy for the contingency of indiscipline at school, because of the two state schools observed during the pedagogical residency program linked to IFSP / SPO - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo/Campus: São Paulo - and maintained by CAPES, in the period between June 2018 and December 2019, a full-time school, because it has more time for these types of activities, presents a level of indiscipline lower.

Keywords: School; Culture; Indiscipline; Integral; Regular.

Envio em: janeiro/2020
Aceito para publicação: junho/2020